

## AS IRARAS SE ALIMENTAM NA EMBAÚBA:

### FAZERES E APRENDERES DE UM OUTRO TEMPO

Willer Araujo Barbosa  
Maria do Carmo Couto Teixeira<sup>1</sup>

Retorno, ponto de transição: formam-se associações de pessoas que têm os mesmos ideais. Tudo vem no tempo devido. Assim, o estado de repouso dá lugar ao movimento. Tudo o que está recomeçando deve ser tratado com suavidade e cuidado, para que o retorno leve ao florescimento. (I Ching).

#### RESUMO

O presente trabalho analisa o advento da *agroecologia*, reforçado pela *ecopedagogia* (Gutierrez e Prado, 2000), através da emergência dos elementos residuais, das práticas sociais e da memória coletiva (Benjamin, s/d), que passam a recompor dimensões da *interculturalidade da tradição*. Para efeito deste estudo, tomamos interculturalidade como a densidade da ligação entre agroecologia e ecopedagogia, entendendo que os avanços dos desenhos ambientais sustentáveis realimentam os conflitivos processos identitários coloniais. Assim, criam-se novas necessidades de atualização e re-invenção das contradições históricas que vêm submetendo etnias indígenas e negras por todo território brasileiro. Buscamos compreender se perdura, ainda hoje, em uma suposta *cultura pós-colonial*, semelhanças e ou diferenças com as *estruturas de sentimento* histórico-coloniais. Permanecemos com a problemática: como articular o projecto agroecológico com as categorias *afroameríndia* e ou *ameríndiafro*?

**PALAVRAS CHAVE:** agroecologia; ecopedagogia; estrutura de sentimento; memória colonial; identidade pós-colonial.

#### ABERTURA

Tomamos como campo empírico um conjunto de atividades que compõe a articulação sindical de trabalhador@s<sup>2</sup> rurais e sua rede de parcerias no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, especificamente no município de Araponga, de onde surgem tímidas vozes reivindicando pertença a um povo indígena dado por extinto desde inícios do século XVIII. Na perspectiva camponesa, uma

---

<sup>1</sup> Amb@s são professor@s do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. O prof. Willer doutora-se pelo PPGE/CED/UFSC, atualmente cumpre estágio de pesquisa junto à Universidade do Porto, em Portugal, como bolsista PDEE/CAPES. ([willerab@hotmail.com](mailto:willerab@hotmail.com)).

<sup>2</sup> Adotaremos o símbolo ARROBA — @ — como indicativo da tensão do que é **comum de dois géneros**. Solicitamos a paciência de quem vier a ler este estudo, mas optamos por essa configuração em função de chamar a atenção da predominância que o masculino exerce em nossa linguagem, o que pode denotar uma postura socialmente discriminatória.

*cultura Puri* se recoloca protagonista tanto na expansão do trabalho agroecológico quanto na proposição de uma ecopedagogia que orientem as futuras gerações, ampliando sua perspectiva de futuro.

Precisamos buscar a aproximação dos conceitos de agroecologia e de ecopedagogia, talvez essa seja uma inovação que se possa introduzir nos debates e afazeres daquela região mineira. Para nós, chega a parecer óbvio que a constituição de uma agricultura que valorize as sustentabilidades ambiental, econômica, social, política, ética e portanto, cultural, somente se dê através de procedimentos democráticos-participativos costurados em um projecto politico-pedagógico que tenha como bases a *amizade* entre as pessoas, das pessoas consigo mesmas e das pessoas com o planeta, portanto, ecopedagógico. Porém, mesmo com toda essa obviedade que ulula, também parece óbvio, em contraparte, que o sistema-mundo não aponta nessa direção, uma vez que calcado nos processos de acumulação do capital, da exploração do trabalho, discriminação de pessoas, grupos e formações sociais, bem como na degradação ambiental e humana.

Portanto, nossa tarefa torna-se mais complexa, uma vez que não permite que apenas haja uma substituição de uma concepção pela outra e nem meramente sua justaposição liberalizante, como se se pudessem ou, desprezar mutuamente, ou mesmo coabitar antagonismos indefinidamente através dos tempos e da história. Uma *visão complexa* (Williams, 1979) exige o cuidado da contínua análise das dinâmicas e da apreensão de espaços interrelacionais que venham a potencializar as transformações sociais na direção de uma estrutural distribuição de bens e valores por toda a base da sociedade.

### **(DES) ENVOLVIMENTO**

Reafirmando nossa intenção em aproximar e gerar uma força de atrito entre os conceitos de agroecologia e de ecopedagogia compreendemos ser necessário desobstruir os canais de comunicação que há entre elas, a saber: postura de resistência cultural à homogeneização; atitude resiliente (Tavares, 2001) que força as aberturas de caminho rumo ao futuro; vivência paciente das diferenças que emergem dos contextos; experiência do diálogo denso entre saberes; concepção que parte e retorna às práticas socioculturais conectando várias dimensões; compreensão dialéctica das articulações entre o específico em suas

formações e as formas mais gerais. Além do mais, tanto a agroecologia quanto a ecopedagogia precisam considerar, em profundidade, os sujeitos implicados, seus modos de vida e de significação, seus tempos e ritmos de aprendizagem, bem como elaborar mapas e contextos integradores que envolvam a noção de sustentabilidade e pertença planetária (Boff, 2000).

A considerar a complexidade de tais dimensões da vida social e a intensidade das redes relacionais que as constituem enquanto cultura (Geertz, 1997), podemos perceber a consistência dos três termos, isto é, tanto do *ecológico* como mediador entre as outras duas totalidades e como a instância, por excelência, que chama a temática do envolvimento, quanto do *agrícola* enquanto o setor primário de produção da vida da sociedade, quanto do *pedagógico* enquanto gestor dos processos educativos que intervêm nas realidades das pessoas e das coisas. Repetindo: os caracteres agrícola, pedagógico e ecológico organizam-se, desorganizam-se e reorganizam-se (Morin, 1999) a partir de suas totalidades imanentes que criam novas totalidades interrelacionais fazendo com que a ecopedagogia e a agroecologia demandem, entre si, uma espiral auto-reflexiva (Freire, 1987) que implica e retro-alimenta a intencionalidade das formações sociais. Por formação social estamos entendendo, como, os processos históricos de luta entre *dominante* e *residual* que podem produzir o *emergencial* no contexto de um determinado *desenho ambiental* (Capra, 2002).

### CONCLUSÕES (?)

Em uma determinada comunidade local do município de Araponga, as pessoas mantêm embaúbas próximo a entrada das casas para que ao cair da tarde possam, dia a dia, se admirar da Irara, uma doninha de pelagem brilhante, que ali se alimenta, ao mesmo tempo em que choram a devastação que só com muita luta buscam recompor. Essas dimensões manifestam silenciamentos históricos que uma *regeneração agroecológica*, ao cuidar atentamente disso, faz emergir da memória social. Tal lida com o vigor dessa estrutura de sentimentos possibilita a transformação das próprias pessoas, que então, sentem a necessidade de reconfigurar suas identidades destroçadas. Indicamos a relevância, mesmo onde está bastante afirmado que **não existe**, do abrir-se e ouvir a *amerindiafricanidade*! A viva dinâmica dos novos movimentos sociais exigem que repensemos esquemas a partir de um *nós inclusivo* (Valla, 1999), mas isso, demanda que explicitemos: a diferença somos nós (Stoer, 2003). A interculturalidade, nesse

## Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia

sentido, pode vir a tornar-se um poderoso campo de intervenção das políticas públicas que se traduza em poder popular...

### LITERATURA CITADA

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política \_ ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo. Editora Brasiliense. S/d.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis. Editora Vozes. 2000.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável**. São Paulo. Editora Cultrix, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1987. 17ª edição.

GEERTZ, Clifford. **O saber local \_ novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis. Editora Vozes. 1997.

GUTIEREZ, Francisco e CRUZ PRADO, R. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo. Editora Cortez, Instituto Paulo freire. 2000

Wilhelm, Richard. **I CHING. O livro das mutações**. Editora Pensamento. 1996.

MORIN, Edgar. Organization and complexity. IN: **Annals of the New York Academy**, 1999.

STOER, Stephen. **A Cidade Educadora** (conferência). Forum Mundial de Educação. Porto Alegre. 2003.

TAVARES, José. **Resiliência e educação**. São Paulo. Editora Cortez. 2001.

VALLA, Victor Vincent. Movimentos Sociais, educação popular e intelectuais: entre algumas questões metodológicas. IN: FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis. MOVER / NUP / UFSC, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro. Zahar Editora. 1979.